

Cap. XIII

O centenário de Hydesville

O centenário das manifestações de Hydesville desperta considerações especiais em todos os círculos espiritistas da América.

Margaretta e Kate Fox, as jovens médiuns utilizadas pela Esfera Espiritual na demonstração objetiva da imortalidade, são lembradas com respeitoso carinho.

O ambiente característico da 1848 é reconstituído nos comentários de jornais e emissoras.

Num lar de evangelistas da Igreja Reformada, um homem invisível prova a sobrevivência além da morte e, não obstante o trabalho substancial de abnegados missionários do espiritualismo, em ação no mundo inteiro, os fatos de Hydesville caminham através da grande nação norte-americana. Do vilarejo humilde, seguem para New York, de onde prosseguem, varando cidades e campos, até alcançarem o Congresso Nacional, numa solene petição em que alguns milhares de pessoas solicitam a atenção dos legisladores para o assunto.

—O—

As meninas Fox passam a constituir tese viva nas conversações científicas, acadêmicas e universitárias. Aplaudidas e ridicularizadas, atraem para o movimento renovador as simpatias de administradores e juizes, filósofos e artistas, estudantes e operários.

—O—

A luz guerreia a sombra, a revelação anula o dogmatismo, a verdade confunde a mentira. Em breve, os fenômenos se estendem mundialmente, os instrumentos humanos se

multiplicam, o conhecimento progride insofreável...

—o—

Quem provoca, no entanto, semelhante revolução mental não é um mensageiro resplandescente de luz. Não é um anjo que se põe a confabular com os homens.

No recinto, não há relâmpagos do Sinai.

O autor perceptível do empreendimento é um homem... desencarnado, desconhecendo, ele mesmo, a importância da iniciativa.

Mostra-se apaixonado e inferior, quanto qualquer de nós.

Confessa que foi assassinado, todavia, apesar da posição de vítima, não foi promovido à Corte Celestial.

Condensam-se-lhe as idéias na experiência física.

Tem ânsia de conversar com criaturas que ainda se encontram na embalagem dos ossos.

Não ganhou, até ali, suficiente coragem para enfrentar o desconhecido.

Terá lido, naturalmente, muitas páginas edificantes, no esforço terrestre, mas encon-

tra imensa dificuldade para esquecer a ofensa e perdoar o ofensor.

—o—

Exibe complexos de inferioridade.

Pretende vingar-se.

Desejaria justicar-se pelas próprias mãos.

Qualquer entendido de medicina ou psicologia lhe identifica a perturbação evidente.

Além disso, não é "morto" da véspera.

Declara que ali permanece, desde alguns anos, em torno dos despojos.

A morte não conduziu à glória divina, mas ao tormento infernal. Reintegrou-o na própria consciência e a mente dele, atormentada e sofredora, busca exteriorizar-se, por intermédio de sinais à maneira de qualquer naufrago perdido.

Não foi bafejado ainda por claridade santificante que não procurou. Alimenta-se de preocupações puramente personalistas.

—o—

Após identificar-se pelas suas características de humanidade, prossegue aprendendo e evoluindo, tanto quanto nos ocorre no Brasil ou na Conchinchina.

Tal verificação, contudo, não impede a exaltação da verdade e a compreensão gloriosa da Vida Eterna.

O fenômeno inicial de Hydesville, comentado neste ângulo adquire mais expressão e vivacidade, porque se, há cem anos, o Plano Superior encaminhava o homem desencarnado, com seus apetites e paixões, mágoas e enigmas, à consideração e entendimento dos semelhantes, como a dizerem que a morte é simples continuação da vida, há muita gente aguardando o gongo final para receber as asas de cera e entrada gratuita no paraíso.

Cap. XIV

Problemas de um médium

O médium Calixto iniciou a tarefa com verdadeira compreensão da responsabilidade que lhe competia. Criatura simples e de coração voltado para o dever, recebia as páginas dos mensageiros espirituais com a infantilidade do menino de boa índole que recebe um recado para transmitir, obediente e humilde.

Vestia-se pobremente e, nos pés, não exibia outro calçado que não fossem tamancos rústicos.